



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Tathaba — Lisboa • Telefone 5339
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O POVO PROTESTA

A carestia do pão

A União dos Sindicatos Operários de Évora dirige um manifesto ao parlamento

Parece que devido a um *mot-d'ordre* por todo o Alentejo se pretende elevar o preço do pão. Em Beja, Portalegre, Vila Viçosa, Grandola, Alcaçovas e noutros pontos os protestos do povo consumidor tem sido unânimes e enérgicos. Onde, porém, a indignação popular atingiu o seu auge foi em Évora.

Já dois concorridíssimos comícios públicos se realizaram no teatro Garcia do Resende, tendo o povo exteriorizado a vontade de que o preço do pão não suba.

Depois de ter sofrido um aumento de \$36 para \$44, o pão agora, devido às manobras da Moagem, estava condenado a novo aumento. Pretendiam agora elevá-lo para \$80 cada quilo!

O povo de Évora, porém, levantou-se num unânime e enérgico protesto. E' preciso que o povo não se submeta. A Moagem e a lavoura preparam um novo assalto à algebeira do povo trabalhador. Este deve responder-lhes com energia. Sabido que os governos estão sempre ao lado dos senhores o povo não deve confiar nos Messias, mas sim, compeli, pela sua própria acção, os poderes públicos a respeitar a sua vontade.

O que está acontecendo hoje em Évora, não tardará que não se repita em Lisboa e outras localidades do país. A transigência do povo desta cidade, duma vila até, anima os exploradores, que são os mesmos em toda a parte a formar o salto de tigre e cair sobre todos nós, levando-nos a pele, porque a camisa já não a temos.

A União dos Sindicatos Operários de Évora tomou o caso a peito, tentando levar o governo por todas as formas suásticas a não permitir que o preço aumente, evitando assim que casos lamentáveis de alteração de ordem pública se tenham de registar.

A comissão administrativa da U. S. O. de Évora fará distribuir hoje no parlamento o manifesto do teor que segue, a fim de elucidar os deputados sobre o assunto:

O pão é a base essencial da vida humana. Faz parte integrante do problema económico dos povos. Dificultar a sua aquisição, pela sua falta ou pela sua carestia é provocar abalos tremendos na ordem pública. Os detentores dos trigos, em Évora, pretendendo elevar o preço do pão parece que não desejam outra coisa que não seja a irritação popular, cujos resultados funestos todos preveem.

Diz-se que em Évora se consome o pão mais barato e que apesar disso, o povo desta cidade reclama constantemente contra a sua carestia. Ora, o pão é o principal alimento do alentejano. E' também um produto regional e, portanto, livre de encargos de transporte e de inúmeros intermediários. Estas são razões suficientes para demonstrar que o povo desta cidade devia ter este alimento muito mais barato do que em qualquer outra parte. Infelizmente, os gananciosos, os moageiros e muitos lavradores não o querem entender assim.

De resto não é apenas o povo de Évora que se ergue indignado contra aqueles que pretendem roubá-lo. Também em Portalegre, Beja, Vila Viçosa, Grandola, Alcaçovas e outras localidades se protesta contra o pão caro. Ninguém pode admitir que haja criaturas que colocam os seus interesses particulares acima dos colectivos, fazendo subir o preço dum género, que devia ser, entre todos, o mais barato. Nós produtores, uns pelo esforço do braço, outros pelo do cérebro, não podemos admitir que nos roubem na nossa própria produção. O povo não pode nem deve pagar mais caro o preço do pão. A elevação do seu preço provocará imediatamente a subida de outros géneros indispensáveis à vida.

Ante a ameaça terrível que se levanta o povo não deve ficar silencioso. Não se aceita de braços cruzados a terrificante promessa de miséria e de morte que os exploradores nos fazem. Há já inúmeros tufões onde campeia a fome. A carestia do pão vem provocar a irradiação de trabalho que de dia para dia vai estendendo os seus tentáculos destruidores de lares coroados a obra nefasta — fomentar impetos de revolta. As classes trabalhadoras estão descontentes, as classes médias também.

Os deputados da nação não devem ignorar tudo isto. E' estamos convencidos de que não queriam resolver este importante assunto, como é uso, à força de metralha. Uma resolução urgente, impõe-se, tendo sempre bem presente que o povo não pode, não quer, nem deve pagar mais.

Se o parlamento e o governo julgam que tudo se resolverá pela violência estamos convencidos que não o conseguiremos, porque como muito bem disse o jornal de Évora, *O Democrata*, os soldados da guarda-republicana também comem pão, têm família, têm filhos a quem tem de dar, igualmente, pão, e, por isso, não podem ensanguentar as suas baionetas no povo, seu irmão.

A Comissão Administrativa da União dos Sindicatos Operários de Évora.

UMA SESSÃO SOLENE

No Sindicato do Pessoal Extraordinário dos Tabacos

Na sede deste sindicato, realizou-se anteontem, conforme noticiámos uma sessão solene, para inauguração dos retratos dos antigos operários da Companhia dos Tabacos, os camaradas João Máximo Vaz da Cruz e Joaquim Luís, que desempenharam vários cargos no mesmo sindicato e que à classe em geral prestaram relevantes serviços.

A sessão presidiu Alexandre Assis, delegado da U. S. O. por indicação da assistência, sendo da mesma forma indicados para secretários os camaradas Eduardo Jorge, pelo pessoal demitido e Salvador José pela comissão administrativa do sindicato.

Depois de o presidente se ter referido à homenagem a prestar a esses dois camaradas, foram os retratos descerrados respectivamente pelo pai e filhos que à sessão assistiram, acompanhados, por indicação da assistência, por Abílio Leopoldo Gama, também como operário demitido.

Fizeram uso da palavra enaltecendo as qualidades dos homenageados e os serviços pelos mesmos prestados à classe, os camaradas Abílio Leopoldo Gama, Eduardo Jorge, José Monteiro, que lamentou que a Sociedade «A Voz do Operário», onde os falecidos desempenharam cargos, se não fizesse representar ao mesmo tempo que aliviar a que se abrisse uma quota para início de uma grande subscrição entre o pessoal para auxiliar a viúva e filhos de Joaquim Luís a qual rendeu 18570. Virgínia da Conceição, operária da «Regio», lamenta também que a respectiva classe se não fizesse representar, isto porque os falecidos também trabalharam para que a mesma classe alcançasse benefícios que actualmente goza.

Ainda usaram da palavra Henrique Pinto, Manuel da Silva e Salvador José, operários ao serviço da Companhia. Notou-se também que a Cooperativa do Pessoal dos Tabacos, de que Joaquim Luís igualmente era tesoureiro se não fizesse representar.

Findos os discursos, José Monteiro e Abílio Leopoldo Gama agradeceram em nome das famílias de Joaquim Luís e Júlio Vaz da Cruz a homenagem prestada.

O presidente no seu discurso de encerramento também se referiu aos falecidos e ao seu trabalho em prol da classe, incitando os presentes a seguirem os exemplos pelos mesmos dados em vida, fazendo votos para que a classe correspondesse ao apelo feito, visto que 5 centavos com que cada operário da Companhia concorria semanalmente, suaviariam um pouco a situação precária da viúva e filhos de Joaquim Luís.

NO TEJO

A BORDA DE UMA FRAGATA arde um carregamento de palha

Numa fragata com o n.º 714, que com um carregamento de 1.500 fardos de palha estava ontem atracada ao Cais da Arca, declarou-se ontem, cerca das 21 horas, um incêndio, que parece ter sido causado por ponta de cigarro, que ainda acesso para ali tivesse sido deixado.

Tendo comparecido vários materiais e pessoal do corpo bombeiros, foi o fogo atacado com o emprego de 4 aguiletas, que depressa dominaram o incêndio, e para mais facilmente completa a extinção foram muitos fardos deitados ao mar.

Os prejuízos são importantes não só no carregamento, como no barco. A fragata e palha pertencem à firma Nogueira Junior & C.ª com armazem na Largo S. João da Praça.

Partido Nacional Africano

A fim de tomar conhecimento das resoluções votadas na última reunião plenária das comissões paroquiais de Propaganda de Lisboa do Partido Nacional Africano, reúne-se amanhã, pelas 22 horas, a Junta Central deste partido.

DE BOM HUMOR

Numa das últimas noites, à hora do começo dos espetáculos e da factura dos jornais matutinos faltou a luz em Lisboa, não funcionando por esse motivo aqueles teatros que não tem iluminação caseira nem se efectuando a corrida nocturna no Campo Pequeno.

E' acontecimento mais grave não se publicando *A Manhã* que, tendo submetido por diversas vezes o seu pessoal gráfico e redactorial ao regime prolongado e pouco nutritivo de pão de segunda e laranjas azedas por ocasião das greves pró aumento de salário, não quiz sujeitá-lo, nessa noite, ao regime analítico e dispendioso «das velas de stearina», como consta da nota enviada pela redacção do mesmo jornal ao *Diário de Notícias* em que se anuncia uma acção de perdas e danos que vai ser movida contra a Companhia do Gaz e Electricidade pela empresa do primeiro o dos jornais acima indicados, submetido, por algumas horas, ao regime da escuridão, impossibilitado, por conseguinte, de iluminar nodia imediato o cérebro dos seus leitores com o brilho das suas luzes.

Por seu turno o *Diário de Notícias*, referindo a falta de luz em questão, informou que a Companhia atribuiu essa falta ao baixo nível da maré do equinócio, do que resultou o mau funcionamento das bombas de circulação do condensador das caldeiras da Geradora.

Atendendo a isto julgo imprudente a acção da *Manhã* contra a Companhia, por se tratar dum caso de força maior, embora se pretenda tornar valiosa a agravante de ele se ter dado de noite e no domicilio da autora.

E' sou também de parecer que esta última, tendo de queixar-se a alguém pelo dano sofrido deve apresentar a sua queixa a quem superintende nas águas salgadas metropolitanas, insulares e coloniais que, como se sabe, o sr. ministro da marinha.

Não me consta, pelo menos que, além de S. Ex.ª, tenhamos aí outra autoridade mais competente para intervir no assunto a favor da queixosa contra o causador ou culpado, de facto, do abaixamento da tal maré do equinócio, fenómeno de que, se eu não estou em erro e se os textos sagrados estão certos, vem a ser o Padre Eterno, também conhecido pelo nome de Jehovah que significa criador do céu e da terra e de todas as coisas visíveis e invisíveis, palpáveis ou não, até mesmo dos muitos milhares de *pirolas* e teias de aranha que constituem o recheio do capacete cerebral de muitos milhões de criaturas sem ingresso nos manicómios representativos do privilégio dum pequena minoria sobre a considerável legião de malucos que passam despercebidos dos psiquiatras que se dão a perros para concertar os alêijados da moleira do próximo, sem, contudo, lograrem sem intento, sobretudo humanitário, tanto quanto inglório e improdutivo.

Se, porém, a acção do jornal *A Manhã* conta a Companhia vier a processar, a despeito dos meus criteriosos reparos e das minhas judiciosas indicações constantes desde escrito à *Vol do Tejo*, se essa monstruosidade seguir os seus tramites legais através dos meandros tenebrosos e invejados do Código comercial, resultando de aí a condenação da arguida, aconselho esta a propor acção contra a autora como litigante de má fé, com indemnização por danos e perdas. Isto com o fundamento de que o multi-secular fenómeno do fluxo e refluxo das marés, sendo, como é, lei vigente da natureza, irrevogável e sem efeito retroactivo, não estando previsto na lei estatutária e sendo portanto, caso omissio no citado código e na legislação restante, já mais em boa doutrina e a requerimento de partes poderá dar causa à intervenção judicial que, vindo a dar-se, não obstante resultará vexatória e nociva aos interesses da Companhia a qual, em última instância e poderá muito bem acudir a água do seu capote sobre o velho padre eterno e todos aqueles que no decurso da acção por ela intentada se mostrarem cúmplices ou coniventes do altíssimo pelo que diz respeito à escassez de água salgada no estuário do Tejo, durante as baixas marés do equinócio.

E' já que de falta d'água estou tratando ao defender de graça e sem procuração nos actos a Companhia do Gaz e Electricidade de que nem sequer sou accionista nem fiscal ou dependente em coisa alguma, hei de dizer que a falta d'água dóce que tem havido em Lisboa e que, pela sua prolongada duração e pelos seus conhecidos motivos, dados à publicidade em *A Batalha*, é muito mais defeituosa e digna de castigo severo e exemplar e bem mais prejudicial e de maior perigo tem sido para os lisboetas e para o país do que o fôl, por algumas horas, a falta de luz eléctrica que se notou recentemente nos domínios feudais de Paiva e Pona, o terrível proconsul que tem a fobia das árvores e o vício inveterado das demolições.

Foi na plenitude da água mais calor que nos cretous por alguns dias que teve principio, em Lisboa, a falta de água potável, falta esta secundada no Porto por espírito de classe ou de solidariedade, mas que, de certeza ou que eu o saiba, não fez com que *A Manhã* e outros jornais de combate dessem pio sobre o caso.

Maré do equinócio. Mas se tudo isto é um equinócio; se andam todos ao mesmo e se cada um espeta a unha que tem!

E quando não anda ao mesmo e não tem unha nem ferro, vê-se obrigado a ficar na passiva e a levar unhas de todo o bicho careta.

Baixa maré do equinócio é a vida arrastada da sociedade portuguesa. Quando e como acabará esta maré? Que mais há de ser, que mais há de vir, depois disto?

E' de supor que um dilúvio daquelas

Congresso de Lille

A última sessão

Discursos sensacionais de Monatte e de Jouxhaux

No último dia do Congresso fizeram-se ouvir os dois oradores, que com mais curiosidade e impaciência eram esperados: Monatte e Jouxhaux.

Tomou primeiro a palavra Monatte, que começou por atacar os membros do Conselho Confederal, que esquecem os interesses de classe, debaixo do ponto de vista nacional e internacional, para brincarem aos homens de Estado.

— A vida do sindicalismo — disse ele — está em jogo, ou melhor em perigo, e não sabemos ainda se o título de sindicalista revolucionário não constitui um crime de lesa-Constituição.

Nós deveríamos ter saído da guerra com um ódio decuplicado contra o capitalismo, mas não aconteceu isso. Quando os operários franceses olham para o lado dos governantes, avistam os chefes operários, que continuam na paz a guerra sagrada.

Jouxhaux fala na Sociedade das Nações, do desarmamento? Como poderá acreditar, que os governos, que lançaram os povos uns contra os outros, velem pela paz?

Falando da Internacional, Monatte declarou: — Nós queremos uma Internacional que seja internacionalista e Amsterdam é uma reunião internacional de nacionalistas.

Martens, da Bélgica, é mais realista do que o seu rei, e Jouxhaux é mais «união sagrada» que Poincaré.

Tudo que se passa em Amsterdam é feito às ocultas. Foi preciso que um jornal inglês nos noticiasse que em Amsterdam se quiz casar a Internacional de Amsterdam com a Segunda e Segunda e Meia Internacional.

«Mas ainda há coisas piores, conforme o confessor Bartel na «Revista do Trabalho». E' o Conselho Internacional do trabalho, saído da conferência de Washington, quem deve dirigir occultamente Amsterdam. Será ele a central de energia, disse Bartel, mas nós dizemos, que a C. G. T., aquela que criaremos com Moscú, é que deve ser, nacionalmente e internacionalmente, a central de energia.

«Que se faz na C. G. T.? Nada mais do que projectos utópicos. Uma comissão de inquérito da C. G. T. ridicularizou-se nas regiões devastadas indo-se avistar com burgueses, e esquecendo as bolsas de trabalho.

Nada se dá aqueles, que apenas apresentam projectos, só se dá aqueles que se revoltam, e o Norte terá como o Sul em 1912 o seu Marcelino Albert; ele levantou-se há, e o governo aterrorizado, dar-lhe-há satisfação.

«Obtem-se o controle» operário e os conselhos de fábrica pela acção revolucionária na primeira fase da revolução. Perde-se tudo isso se a revolução decreta.

Nós manteremos os nossos C. S. R. (Comitês Sindicais Revolucionários) que sejam vencidos, que vencedores. Os maioritários dizem que procuramos carne para a revolução, mas não tinham tanto respeito pela vida humana, quando durante a guerra, queriam que se fosse até ao fim.

Monatte terminou o seu discurso no meio dos aplausos da minoria que entrou a «Revolução» enquanto os maioritários se conservam silenciosos.

Acaba de aparecer

A Novela Vermelha

COMPRAI

Impossível

redenção

POR

Augusto Machado

Em todas as livrarias, tabacarias, e na administração de

A BATALHA

A União dos Sindicatos Operários e a falta de água

Novamente reditui ontem a comissão que trata deste importante assunto, que apreciou o manifesto a distribuir à população de Lisboa e ocupou-se também da escolha do local onde se deverá realizar um comício público num dos dias da presente semana, em que se agitará a questão.

A comissão volta a reunir hoje, pelas 21 horas.

Comunismo e anarquismo

G. M. Serrati disse que os comunistas faziam a corte aos anarquistas. Nós não tínhamos dado por isso; mas, e, na realidade, isso fosse verdade, os comunistas fariam mal, e perderiam o seu tempo.

A concepção anti-autoritária, ditatorial que tem do comunismo o partido comunista é tudo quanto há de mais oposto ao anarquismo. Este é, acima de tudo, pela liberdade, pela livre organização e pela livre experimentação de todas as formas sociais, que os trabalhadores possam desejar.

Aquele é a imposição, em teoria, das ideias e dos métodos duma certa escola de pensadores; na prática, dos interesses dum partido ou duma *coleria*.

Por muito que aborrecamos a mentira democrática, que em nome do «povo» oprime o povo no interesse dum classe, ainda mais aborrecemos, se é possível, a ditadura que em nome do «proletariado» mete toda a força e vida dos trabalhadores nas mãos dos membros dum partido chamado comunista, os quais perpetuar-se-iam no poder, e acabariam por reconstituir em vantagem própria o capitalismo.

Nós também aspiramos ao comunismo como a mais perfeita realização da solidariedade social, mas deve ser comunismo anarquista, isto é, livremente desejado e aceite, e com o fim de assegurar e aumentar a liberdade de cada um; mas consideramos o comunismo estatal, autoritário e obrigatório como a pior tirania que possa afligir e atormentar a humanidade.

Isto para o futuro, para o amanhã da revolução. Quanto ao presente, vemos com a maior antipatia a tendência dos comunistas para submeterem toda a actividade política subversiva e todo o movimento operário à sua direcção; e unicamente nos sentimos próximo deles pelas expressas intenções revolucionárias. Mas também nisto nos arreíe a recordação de que aqueles que hoje reprovam a conduta dos socialistas por ocasião da ocupação das fábricas e de outras situações revolucionárias, são os mesmos que naquela época, em nome da disciplina do partido, foram contra nós cúmplices e companheiros dos que atacam hoje violentamente.

Fique descansado G. M. Serrati, que os comunistas não se servirão dos anarquistas contra os socialistas, como estes também não se servirão deles contra os comunistas. Nós somos anarquistas, conservamos-nos anarquistas, e só tratamos pela nossa causa.

Prontos, como já o temos dito muitas vezes, a cooperar com quem tenha a fazer qualquer coisa de comum conhecimento, entendemos conservarmo-nos como somos, e não fazer o jogo de ninguém.

De resto todas estas divergências entre socialistas e comunistas parecem-nos simples questões de rivalidades pessoais; na realidade, eles querem ambos a mesma coisa, e acabam todos do mesmo modo.

O parlamentarismo corrompeu e transformou os socialistas; ele corrompeu e transformará os comunistas. Mudaríamos forçosamente de linguagem e de atitude, se os comunistas renunciassem às eleições e aos mandatos parlamentares. Mas quem espera isso?

E. M.

(Da «Umanitá Nova» de 31 de agosto de 1921).

Desastre de automóvel

O carro cai numa cova cheia de água com quatro metros de profundidade

Ontem de madrugada saíram de Setúbal num automóvel guiado pelo sr. Mário Lado, comerciante daquela cidade, os srs. Aníbal Perceira de 31 anos, comerciante e proprietário do veículo, natural e residente também em Setúbal e o industrial Francisco Pereira de 35 anos, natural de Cezimbra, proprietário de uma fábrica de conservas de peixe na Figueira da Foz, onde reside.

Chegados a esta cidade foram removidos para o hospital de S. José onde os cirurgiões de serviço no banco, verificaram que o primeiro apresentava uma contusão no ombro e o segundo fractura da base do crânio e graves contusões pelo corpo e o terceiro fractura de ambos os braços.

O sr. Perceira depois de devidamente tratado recolheu em estado grave à enfermaria de Santo António, e os restantes feridos depois de pensados seguiram para suas casas.

O automóvel ficou muito destruído.

Operários!

Sá com uma sólida organização sindicalista, podeis melhorar a vossa situação económica.

Cartas de racionamento

Todas as mercearias de Lisboa, de acordo com a Direcção da Associação de Viveres a Retalho, começam hoje a distribuir cartas de racionamento para fornecimento de açúcar amarelo tabelado, mediante a apresentação do recibo da renda da casa pago em 1 de Agosto e relativo a Agosto ou Setembro.

As cartas de racionamento serão entregues pelo Comissariado Geral dos Abastecimentos aos delegados das freguesias mediante requisição e apresentação do seu bilhete de identidade.

As cooperativas devem proceder do mesmo modo que as mercearias para evitar que sejam distribuídas à mesma pessoa mais de uma carta de racionamento.

As cartas antigas já não tem validade.

J. B.

REGISTANDO OPINIÕES

A BIBLIOTECA OPERÁRIA

6 que nos disse um jóven sindicalista acerca da iniciativa da União dos Sindicatos Operários

A conversa que tivemos ontem com o nosso camarada Edmundo Vaz, redactor principal do *Despertar*, merece ser arquivada nas colunas da *Batalha*.

— Como vai isso lá pelas Juventudes Sindicadas? — perguntamos-lhe, mal o avistámos, Chido abaixo, os livros — amigos inseparáveis — debaixo do braço.

— Vai bem — respondeu o nosso amigo. — Por toda a parte os núcleos que estavam mortos, ou moribundos, pelo menos, ressuscitam, levantam-se, erguem-se com mais segurança do que dantes. A mocidade operária desperta. Nos lugares onde não existiam núcleos alguns se vão formando agora. A' mocidade operária está reservado um grande papel revolucionário. Por felicidade, vão os jovens, por todo o país, correspondendo ao nosso grito de alarme.

— Isso é animador, dissemos. Na consciência revolucionária dos jovens reside o êxito da sociedade nova que pretendemos erguer. O *Despertar*, o vosso órgão, vende-se bem?

— Admiravelmente — fez Edmundo Vaz, num gesto de alegria. — Imagine o camarada que o primeiro número esgotou-se completamente e ainda hoje estamos recebendo pedidos que não podemos satisfazer.

A missão das Juventudes — Uma grande vontade de saber que deve ser aproveitada

— Estamos convencidos — comentámos — de que as Juventudes Sindicadas estão enveredando agora por um caminho melhor.

— Efectivamente. As Juventudes agora — disse o nosso entrevistado — começam a compreender o papel que lhes é destinado. Como sabe a sua missão é mais educadora do que outra coisa... Uma educação, é claro, puramente revolucionária. O camarada sabe bem o que eu pretendo dizer com educação revolucionária...

— Compreendemos.

— Nota-se nos jovens uma grande vontade de aprender, que infelizmente não podemos aproveitar completamente. Falta-nos tudo: uma boa sede, professores desinteressados que sejam capazes de ministrar uma educação livre e metódica, etc. Enfim, muito há a fazer e creio que este inverno serão, no que se refere a educação, iniciados grandes trabalhos de aperfeiçoamento.

— Que tentacionam fazer? — inquirimos.

— Nada lhe posso dizer, por enquanto Rescindamos a reserva. E' perguntámos em seguida:

— Que pensam os jovens sindicais acerca da fundação duma Biblioteca Operária? Vocês sabem que a U. S. O., está pensando no assunto?

— Que pensam os jovens? Responder por eles — disse o nosso camarada — é um pouco de arrôjo. Entretanto, julgo que é uma novidade que a todos alegria. Pelo menos aqueles a quem tenho falado no assunto — e não são poucos — apoiam a ideia.

— Vocês não acha que o Núcleo de Lisboa, poderia oferecer à U. S. O., o seu auxílio.

— Creio que sim — respondeu o jóven. — De resto, tenho a certeza de que a Biblioteca será mais frequentada pelos jovens, cuja mocidade excita mais a curiosidade, a ansia de saber, do que pelos camaradas já de idade. Aos jovens, portanto, cabe uma parte da realização dessa grande obra que seria a Biblioteca Operária.

Como poderiam os jovens auxiliar a iniciativa da União dos Sindicatos Operários

— De que forma poderia o Núcleo de Lisboa coadjuvar a iniciativa da U. S. O.?

— Isso compete ao Núcleo estudar e responder. Quanto a mim, uma das formas seria — a semelhança da *Batalha*, que oferece jornais, revistas e livros, oferecendo por sua vez os seus livros e fazendo entre os jovens operários a máxima propaganda para que frequentassem a Biblioteca, conservassem os livros e os jovens tenham bem presente no seu espírito, quando visitarem a Biblioteca, que esta é uma obra colectiva e que é preciso respeitar o bem estar e os direitos dos outros para que o nosso bem-estar e os nossos direitos sejam respeitados.

— Você cre que a iniciativa da U. S. O. vá avançar? — interrogámos.

— Absolutamente. Estou convencido de que o comité da casa, a Construção Civil e a U. S. O., diligenciarão fazer obra que honre toda a organização.

— O Núcleo de Lisboa apreciará o caso em alguma das suas reuniões? — inquirimos.

— Creio — disse Edmundo Vaz — que até certo ponto, os jovens tem obrigação de estudar também esta questão.

Tínhamos chegado ao Rossio. Edmundo Vaz seguia em direcção oposta. Despedimo-nos ambos com uma grande esperança no futuro.

NA CADEIA DO LIMOEIRO

O regime desumano a que são submetidos os reclusos doentes. — Um horroroso crime de envenenamento?

Dum grupo de presos por questões sociais e de delicto comum, internados na cadeia do Limoeiro, recebemos uma carta que é mais um documento a juntar ao tremendo libelo que os factos de todos os dias se encarregam de organizar contra este repositório de podridões morais e físicas que é a sociedade burguesa.

Versa ela um dos aspectos mais repugnantes dessa sociedade: o regime penal, um cancro que só por si justifica toda a onda de revolta que ameaça subverter dentro em breve este pútrido edificio em que ainda vegetamos.

Leiam os leitores com atenção e façam depois os indignados e justos comentários que por certo lhes provocará a singela mas eloquente exposição que segue:

«Camaradas de «A Batalha». — Mais uma vez nos vimos forçados a solicitar um pouco do espaço de *A Batalha*, em nome das vítimas que fazem neste cárcere, para que torne públicos os processos inquisitoriais aqui usados para com os presos. Hoje, sábado, 3 de setembro, pelas 16 horas, presenciámos este facto: que profundamente nos comoveu e indignou: Encontrar-se preso na chamada enfermaria desta cadeia um ineluz chamado Gerásio Lopes, acusado de se ter envolvido em desordem.

Como ele se não encontre no uso das suas faculdades mentais, levantou-se pela meia noite e deu-lhe para pedir vinho.

Este gesto de irresponsável, valeu-lhe o ser forte e bárbaramente amarrado, de pés e mãos. Apresentaram-lhe depois um copo com um líquido qualquer dizendo-lhe: «Ai tens o vinho!» A pobre vítima bebeu dum trago o conteúdo do copo, após o que caiu redondamente no chão, onde ficou contorcendo-se, em terríveis convulsões, até perder os sentidos. Há 48 horas que não dá sinais de vida, apesar de várias vezes lhe terem metido as mãos e as pernas dentro de água a ferver, tendo ficado encerrado na casa de banho, que é de lagado.

Ali se conservou toda a noite e parte do dia de hoje, pois só pelas 14,30, após os protestos de alguns companheiros de infortúnio que também se encontram na enfermaria, foi o ineluz liberto daquele cárcere privado e inerte, colocado sobre uma cama, onde então lhe cortaram as fortes ligaduras que lhe

